

Sangue. No asfalto (como cantam os Mão Morta). Nos teus joelhos esfolados (tu, que és novo). Nas tuas gengivas (tu, que és velho). Naqueles dias do mês (como na publicidade). E nas tuas papilas gustativas, agora.

«Estão a arrear-me», pensas, mas já nem sentes a dor. A calçada portuguesa, agora salpicada dos teu glóbulos. Parece mesmo molho de tomate; e lembras-te do Fernandes, que tresandava a piadas sádicas, mesmo nos dias de missa. O golpe de misericórdia. Um grande biqueiro nos testículos. Finges que te dói, eles fingem que acreditam, mas já levaste tantos que nem os sentes. Que o diga a Patrícia, que bem se esforça. É um ritual. Biqueiros por todo lado, nada de puxar cabelos ou armas, depois o ponto-final-parágrafo-fim-de-capítulo; o abono de família em causa.

Ouve-los a fugir, como se estivessem receosos, mas a cidade é puta, e só faz por dinheiro. Ninguém levanta uma palha. Já ninguém vem à janela. Ou quase ninguém, porque a velha Julieta, gorda que nem as bisontes em *alt.binaries.pictures.tasteless*, já não se aflige com estas cenas; para ela é como se fosse na TV. Estás quase a desligar, mas é fácil topar-lhe os rolos de carne, em camadas, como nos folhados, estáticos, deliciados, sempre em processo de nutrição. Consta que suborna a neta para lhe comprar latas de refeições pré-cozinhadas, que nem se digna a levar ao lume, agora que é Verão. *Off*.

Acordas numa cama de hospital. Há uma televisão, logo em frente. Vem a enfermeira, uma estagiária desmamada, da época dos pigmeus. Mas meiga. Uns gestos doces, doces. Mas não sejas parvo!, só pensas assim por causa da porrada. A vida é realmente triste. A saída é só uma, por mais voltas que se dê no labirinto.

Diagnóstico: pontos no antebraço esquerdo, um hematoma antológico na perna do mesmo lado, o desaparecimento de mais alguma denticção e um olho negro, já a desinchar. Alta ao fim da tarde. Só mais umas horas de observação.

Que observação? A enfermeira some-se. Os médicos ausentam-se. Fica o alcoólico epilético da cama ao lado. Tem piada: não é a primeira vez que se encontram. Que ar patético, o dele. Vermelho como os ingleses que vêm ao Algarve, a testa malhada de tanta marrada, e um olhar triste, triste, que parece sincero. Mas é só falta de cerveja.

Fim de tarde. Liberdade suprema. O mundo a teus pés. Não tens responsabilidades, não tens dinheiro, não tens família, mas tens educação. A suficiente para teres consciência da tua marginalidade. Filmam-te sempre nas vésperas de Natal. «E dorme aqui há quantos anos?», «Mas não há ninguém que cuide de si?», «Ganha a vida a fazer o quê?– A arrumar carros?». As respostas são uma perfeição: «não sei», «ninguém» e «nada, porque não adianta». Se o repórter for esperto surpreende-se com a justificação; se for um mercenário, faz umas caretas para o «operador de câmara» e conquista ele o carinho dos espectadores, para os quais tal até é conveniente, uma vez que no dia seguinte o «desgraçado» está recuperado e sorridente.

Mas não é Natal. E a ponte continua ocupada pelos bandidos da noite anterior. Grande coisa. O mundo é teu. Vais dormir onde calhar. A relva como colchão, o céu como lençol. Um lençol que não se suja. O vento trará a leitura. Há muita leitura.

O estômago já não se queixa. A Patrícia já não existe. É noite. A sociedade descansa; as formigas operárias reabastecem energias na lavagem cerebral da caixa rainha. E amanhã tudo se repitirá. Tudo, menos o sangue.

Finalmente, o fim.